

Terceira sessão do 46º Painel

Coordenada por Foad Shaikhzadeh, dirigente da Furu-kawa, a terceira sessão do 46º Painel tratou sobre tecnologia, com Claus Weyrich, do *Managing Board* da Siemens AG; e com Roberto Padovani, *chief Technology Officer*, da Qualcomm Inc. Ainda proferiram palestras: André Urani, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade e consultor do Ministério das Comunicações; e José Roberto Souza Pinto, diretor da Embratel. A terceira sessão contou igualmente com um painel de debates, com o tema “Desafios para expansão do setor”.

Tecnologia & futuro

Mesmo num segmento em que a realidade tecnológica parece mudar a cada instante, apresentações de especialistas sobre tendências para o futuro são sempre acompanhadas com muita atenção. No 46º Painel TELEBRASIL não foi diferente: *experts* como Claus Weyrich e Roberto Padovani magnetizaram o público.

Weyrich explicou que, na atual Era da Informação, a microeletrônica e os *softwares* continuarão sendo os mais importantes *drivers* tecnológicos da humanidade.

Entre as tendências apresentadas por Weyrich, destacou-se a interoperabilidade total entre redes heterogêneas levando a uma verdadeira ubiquidade na comunicação, informação e entretenimento.

Já Padovani defendeu que, uma vez que se tenha uma conectividade sem fio ampla, rápida e eficaz, a quantidade de aplicações possíveis passa a não mais ter limites.

De forma bem-humorada, Padovani aconselhou uma visita à Coreia do Sul – que possui vastas redes EV-DO instaladas – às pes-

soas que desejam saber como será o futuro das comunicações.

Inclusão e competição

Tratando da inclusão digital, André Urani traçou o retrato de “um país que não é pobre, mas sim de muitos pobres”. No Brasil, a desigualdade – só perdemos para Sierra Leone e Nicarágua – é a causa da pobreza. Há décadas que 1% da população (os mais ricos) goza da mesma renda que é disputada por metade da população (os mais pobres).

– Tecnicamente, a classe vista como média é a rica (renda familiar até R\$ 700) e a média (renda familiar até R\$ 250) é a pobre. Indigentes e pobres têm baixa escolaridade, são negros e pardos e não possuem carteira assinada. As telecomunicações não reduzem as desigualdades. Metade dos mais ricos absorve 89% dos telefones fixos, 82% dos celulares, 95% dos computadores e 98% da Internet – registrou Urani.

José Roberto Souza Pinto abordou a competição – que traz qualidade, inovação e baixa os preços – como a chave para o modelo de telecomunicações. No Brasil, a competição, porém, ainda não ocorreu. As *incumbents* detêm acima de 96% de *market share*, com as tarifas de assinatura subindo.

Segundo o palestrante, há falta de inovação no serviço fixo. O diretor da Embratel explicou o que era o UNE-P (*unbundling* de plataforma), que desagrega o acesso, o transporte e a comutação local, exemplificando sutilmente para os *insiders*, “tal como a Telemar faz no Rio de Janeiro, com a Vivo”. A LGT em seu artigo nº 155 mostra que a desagregação de redes é elemento de competição.



Shaikhzadeh: coordenando o debate



Souza Pinto: falta competição



Urani: inclusão digital



Weyrich: ubiquidade via redes



Padovani: aplicações sem limites

Debate III

O Painel de Debates, coordenado por Marco Aurélio de Almeida Rodrigues, executivo da Qualcomm e conselheiro da TELEBRASIL, contou com a participação de Henrique Heleodoro (Brasil Telecom), Carlos Duprat (Ericsson), José Sérgio Alves (Iqara), Carlos De La Rosa (Vivo) e Márcio Wholers (Ministério das Comunicações).

Além dos debatedores, outros se manifestaram, como Marco Aurélio Rodrigues, que advogou ICMS zero até certo valor da conta telefônica, Sérgio Quiroga (Ericsson) e o jornalista Ethevaldo Siqueira, que fez, como programado, uma apreciação geral do evento, dando-lhe nota global entre 7 e 8.



A atenta presença da platéia durante os debates indica a qualidade do Painel

Brasil Telecom

A operadora resolveu se antecipar à retomada do desenvolvimento econômico e lançou serviços de banda larga. Parcerias com fabricantes e créditos adequados reduziram pela metade o custo inicial dos equipamentos e dos serviços. “Tornou-se possível oferecer acesso ADSL (*asynchronous digital subscriber line*) a 300 Kbit/s por apenas R\$ 45. A escola digital integrada é uma realidade e acontece em Brasília, beneficiando cerca de 3 mil alunos”, explicou Henrique Heleodoro.

Ericsson

Carlos Duprat falou de uma entressafra tecnológica em que as redes fixas migram para IP (*Internet Protocol*); as redes móveis, para a terceira geração 3G; e os fornecedores passaram da venda de caixinhas para a de soluções. O desafio é como agregar valor para que novas tecnologias se transformem em *business case* favoráveis. Nas camadas da rede IP, há que vencer o desafio da inclusão digital com Internet de bandas larga e estreita e o da “popularização” das aplicações com a voz sobre IP, telemedicações e micropagamentos. Em âmbito móvel, há oportunidades em maior simplicidade para uso de serviços, como o MMS (*Multimídia Mobile Services*) e para o acesso em banda larga, suportado por arcabouço regulatório adequado.

Iqara

José Sérgio Alves prognosticou que as telecomunicações corporativas irão crescer com a chegada dos serviços com base na tecnologia IP para um mercado abrangendo mais de 50 mil empresas brasileiras. “Há novas oportunidades nas áreas de

cobrança (*billing*) dos serviços e no acesso, em fibra óptica, até as empresas (*fiber to the building*). Será preciso baixar o custo do uso da tecnologia IP, a fim de alcançar o importante mercado residencial”, disse o debatedor.

Vivo

Segundo Carlos De La Rosa, o órgão regulador tem a função-chave de zelar pelo bom funcionamento do modelo. Lembrou o executivo que houve uma operadora celular – cujo nome não foi citado, mas se supõe que seja a Oi – que foi vendida nominalmente por R\$ 1. Respondendo a uma pergunta de Sérgio Quiroga, elogiou o bom trabalho da produção de celulares no Brasil.

Ministério

Márcio Wholers tratou da reversão no crescimento do setor e

interrogou se esta não resultaria dos ciclos longos da economia. As estratégias defensivas, aqui adotadas pelas empresas, poderão não dar conta dos desafios do País, que precisa conciliar atividades de alargamento (*widening*) da inclusão digital com o aprofundamento (*deepening*) das aplicações corporativas. Sobre a elevação das alíquotas do ICMS, lembrou Wholers que a Lei de Responsabilidade Fiscal pode ter tido influência sobre o aumento de tais alíquotas. Em termos de política social, será preciso atender o pequeno produtor nacional e na tecnologia favorecer o empreendedor local – como de *software* –, para inseri-lo na cadeia

produtiva da competição global. As empresas globais, no Brasil, precisam ter sinergia com a P&D locais.



M. A. Rodrigues, da Qualcomm